

# A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Vol. I.

DOMINGO 17 DE FEVEREIRO DE 1856.

N. 11.

## PARTE LITTERARIA.

### A SERRA DE PARANAPIACABA.

A poesia, que vamos transcrever, é uma das felizes inspirações de um de nossos primeiros poetas o Sr. Dr. João Cardoso de Menezes e Sousa, autor da *HARPA GEMEDORA*, e de outros escriptos de muito e reconhecido merito.

A serra de Paranapiacaba, vulgarmente chamada serra de Santos, é uma das paizagens mais pittorescas, que se observa ao longo da costa do Brasil. É um baluarte gigante entre o mar e os campos famosos de Piratininga; é tambem um dos lugares de muitas recordações historicas, porque, por suas ingremes escabrosidades subiram os jesuitas, sedentos de almas para o gremio do catholicismo, e os imboabas sedentos de ouro e de dominio.

D'um livro inedito « as RECORDAÇÕES DE VIAGEM » do Snr. F. M. Raposo de Almeida copiâmos o seguinte a respeito da serra de Paranapiacaba, que pôde servir como nota explicativa á sublime e inspirada poesia do Snr. Dr. João Cardoso.

« A serra de Paranapiacaba é de um aspecto pitoresco; é uma das paizagens, em que a natureza dos tropicos se ostenta com todas as pompas da vegetação, com toda a solemnidade das recordações historicas.

« A colossal e immensa encosta, que se espelha nas agoas do mar, é toda revestida de alto e espesso arvoredo de variegadas cores. Os regatos que se despenham, ou murmuram a linguagem poetica da solidão, o canto dos passaros de plumagem multicor, a catadupa do rio das pedras a resaltar pelos rochedos da quebrada, a detonação rouca e sombria da sua queda, o murmurar longinquo do mar, tudo isto forma um quadro, em que se retrata a magestade de uma natureza immensamente magestosa.

« Mas todo o aspecto deslumbrante de um vasto e magnifico panorama desfructa-se do alto ou pico, que é o lugar mais elevado da serra. Ahi, no derramar os olhos por esse quadro de sublime mages-

tade, a alma inspira-se e extasia-se. O mar, que é a primeira maravilha da natureza, forma aqui o centro da paizagem: elle descontina-se por uma vasta extensão, no fim da qual parece entestar com o céo.

« A costa do atlantico corre á direita e á esquerda, como para formar a moldura d'este painel; e as ilhas que o matizam assemelham-se a aves gigantes, encontrando-se e cruzando-se nos seus vôos.

« A velha povoação de S. Vicente, a maravilha archiologica, a Eva de todas as povoações da província, lá está como uma velha fidalga, a quem despojaram de seus solares, mas que ainda conserva nobreza no meio de seu abatimento: uma data chronologica é o seu pergaminho de hierarchia historica.

« Santos, a fidalga moderna, condecorada e enobrecida com os foros de cidade, está encostada ao serro de Monserrate, como a serva domestica deitada junto a um comoro de terra.

« As praias, os rios, as toicas de verdura, os renques de arvores, os canaes, as barras Grande e da Bertioga, tudo isto assemelha-se a um kaleidoscopio magico, tudo isto forma um quadro que se olha, e se admira, mas que não se pôde comprehendender nos pormenores, nem descrever na linguagem humana. »

Depois da leitura d'este excerpto vejamos a inspiração poetica, que esta paizagem soube produzir.

### POESIA.

Subio a escabrosissima serra de Paranapiacaba... Encurva-se n'esta paragem a mencionada terra firme, composta de serras altissimas, com a figura de arco imperfeito, e comprehende no seu semi-circulo as ilhas e laga-mar.

(*Frei Gaspar da Madre de Deus, « Memorias para a historia da capitania de S. Vicente, § 114.*)

Dorme, repousa em teu sonno,  
Da força assombroso emblema,  
Que tens o oceano por throno,  
E as nuvens por diadema.  
Imovel, silenciosa.  
Ergues a fronte orgulhosa.

Ao solio da tempestade,  
E os preludios da tormenta  
Vás ouvir, de medo isenta,  
Do espaço na immensidade.

Salve, soberbo gigante,  
Altivo Titão do mar,  
Que a teus pés triste descante  
Ouvés a vaga entoar.  
Em teu manto de esmeraldas  
Involves as vastas faldas,  
E as empinadas cimeiras  
E a brisa te agita os cachos,  
E os verdejantes pennachos  
Da corôa de palmeiras.

Teus troncos, gravados do sello do tempo,  
Agitam aos ventos as soltas madeixas,  
Quaes harpas eolias, sossurram nos ares  
Canções magoadas, sentidas endéixas.

E's berço do raio, sublime harmonia  
Entôa em teu seio o trom dos trovões.  
E os echos, ao longe, repetem em côro  
A orchestra tremenda de roucos tufoes.

Do raio ao ribombo horrendo,  
E ao som do trovão, que estruge,  
De pavôr estremecendo,  
A feroz panthéra ruge.  
Une-se á orchestra assombrosa  
Uma nota sonorosa,  
Que do fundo abysmo sahe...  
E' o som da cataracta,  
Que, em alvos flocos de prata,  
N'um leito de pedras cahe.

Que magestade sublime!  
Que pomposa poesia!  
Jehová seu dedo imprime  
N'esse quadro de magia!  
Essa cascata da serra  
Parece um hymno, que a terra,  
Espontanea, aos céos eleva;  
Então noss'alma se humilha,  
E, ao vêr essa maravilha,  
Na gloria de Deos se enleva.

Occultas nas veias, ó serra fragosa,  
De ouro e de gemmas thesouro infinito,  
Retalham teu solo torrentes sem conto,  
Que nascem das urnas de rijo granito.

Povoam-te as selvas e negras gargantas  
Innumerás feras e enormes reptis,  
Ahi cantam aves, que as côres do iris  
Desdobram nas azas de vario matiz.

Horriveis despenhadeiros  
Profundos, vertiginosos,  
São os degráos altaneiros  
De teus tergos magestosos.

A's vezes de horrendo tombo  
Se escuta o surdo ribombo,  
Que ao longe resôa á espaços...  
E' despegado rochedo,  
Que no erriçado fraguedo,  
Se vai fazendo em pedaços.

Além que plaino asulado  
Se prende no asul dos céos?  
E' o mar, que encapelado,  
Ergue os moveis escarcéos;  
Então a vista desmaiá  
No espaço, que além se espriá,  
A' perder-se no infinito;  
E esse immenso panorama  
Do Eterno o nome proclama,  
Na face da terra escripto.

Desenham-se ás vezes, arfando nas ondas,  
As velas de um barco, da brisa enfunadas,  
Quaes alvas gaivotas, que a flôr do oceano,  
Brincando, desfloram co' as azas nevadas.

Dos topes acerios estreitos e golfos  
Semelham regatos, talhando as campinas,  
Quaes pontos esparsos desdobram-se aos olhos  
As casas e torres, ilhéos e collinas.

De teu pico o sol dourado  
Se balança á fulgurar,  
E o seu clarão desmaiado  
Verte á lua sobre o mar.  
Outro céo de anil scintilla  
Na superficie tranquilla  
D'esse espelho fulgurante,  
E embaixo, a vaga chorosa  
Beija a arêa, preguiçosa,  
Morrendo em flor alvejante,

Quem sabe si o catacylsmo,  
Que punio a humanidade,  
Não te fez surgir do abysmo  
Das ondas na immensidade?  
Quem sabe, fragosa serra,  
Se és coetanea da terra,  
E do berço oriental?  
Quem sabe de quanta vida  
Tu foste a extrema guarida  
No diluvio universal?

Plantou-te nos mares o braço divino,  
Ingente montanha barreira das ondas.  
Quem dera perder-me comtigo nas nuvens,  
Tambem devassando misterios, que sondas.

Prodigios, que encerras, são cordas sonoras  
De uma harpa sublime de maga harmonia,  
Que os hymnos que exhala, perenne descantam  
A gloria do Eterno de noite e de dia.

## PARTE BIBLIOGRAPHICA.

### ALMANAK DE LAEMMERT.

Acabamos de receber e examinar o ALMANAK *administrativo, mercantil e industrial da corte e província do Rio de Janeiro, para 1856* pelo Snr. EDUARDO LAEMMERT.

Esta interessante publicação, que é um auxiliar immenso para esta, já tão grande população, é também de muito alcance para a confecção de uma boa estatística. Sob aquelles dados pôde-se hoje com notável facilidade levantar approximadamente um quadro estatístico da capital, e também das principaes povoações da província.

Só notámos com magôa que o ALMANAK não tenha buscado dar a estatística da população nas suas diferentes classes de idades e côres, de estados e condições; porque então o reputaríamos completo. Desculpámos, porém, esta falta do incansável redactor; porque o governo por si nada tem feito para auxiliar, ao menos, as tentativas dos particulares em suas investigações estatísticas.

A lei do senso, contra cuja execução houve um clamor, que se crusava de todos os angulos do imperio, e que aconselhou a sua suspensão política, era em nosso entender, uma grande medida administrativa; e em grande parte, os clamores contra essa lei providente, contra essa primeira pedra angular do edifício da estatística, são bastante exagerados.

Ainda para o interior, onde a povoação está infelizmente tão disseminada, poderia supportar algumas modificações, mas no Rio de Janeiro, nas capitais de províncias, em todas as povoações marítimas, e mesmo nas grandes povoações do interior, essa lei devia vigorar com todo o imperio; e contra os abandonadores de cadáveres se devia proceder com o maior rigor; porque esses factos importavam, além de uma transgressão acintosa, uma escandalosa desmoralização. Repetimos pois que lamentamos, que essa lei, em vez de modificada, fosse suspensa. Em quanto ella não vigorar, nunca teremos uma estatística, nem mesmo um ponto de partida para ella.

Os presidentes de província deviam consagrar com empenho um de seus principaes cuidados administrativos à confecção da estatística dos lugares de suas administrações; e ser-lhes-hia isso muito

facil, mesmo independente de verba especial no orçamento, consagrando a este fim um dos mais habéis officiaes de suas secretarias. Nos diferentes relatórios, que temos visto, quasi todos os administradores de província reclamam das respectivas assembleas uma verba para organisação da estatística: crêmos, porém, que nenhuma província do imperio, além da do Rio de Janeiro, e do Maranhão, estará habilitada a de prompto tratar d'essa organisação, por isso mesmo que tem já seus almanaks.

A base de uma estatística é um almanak. Elle serve como de pedra de correção, é, para melhor nos exprimirmos, um cadinho, em que se vão apurar as matérias estatísticas; e o público é o primeiro, e o mais infalível corrector dos Almanaks.

Do primeiro almanak do Snr. Laemmert ao presente, de que nos ocupámos, vai uma grande diferença para melhor, e assim deveria de ser; porque a experiência de treze annos traz muitos esclarecimentos proveitosos.

Concluimos estas rápidas observações, felicitando o Snr. Laemmert, pelo empenho tenaz e louvável com que prosegue na sua colleção de almanaks.

Recommendamos ao público o que acaba de publicar-se; porque, além da exactidão do pessoal das diferentes repartições e estabelecimentos públicos e commerciaes, vem acompanhado de um interessante supplemento de peças officiaes muito recommendáveis, e de notícias estatísticas muito preciosas.

Um trabalho muito interessante, e muito curioso seria sobre os dados verificados do almanak do Snr. E. Laemmert, confeccionar um resumo, uma somma estatística, que, num relancear de olhos, nos apresentasse o numero total de empregados de fazenda, civis, militares, de estabelecimentos commerciaes, de instituições, etc.

Este trabalho seria um bom epílogo, uma bôapagina de supplemento para o almanak de 1857. O incansável redactor, que com uma paciencia proverbial se tem dado a estas indagações estereis, e impertinentes aproveite esta lembrança, se a julgar admissivel, e exequivel.

Os diferentes relatórios das presidencias das províncias são minas em que o Snr. E. Laemmert pode colher muitos dados estatísticos, embora incompletos. Em estatística nunca pôde dar-se a infallibilidade, por que o continuo movimento de nascimentos, ou óbitos, de decadência ou progresso, é um thermometro infiel, e pouco seguro.

Ha tempos creou-se uma associação com o fim e a missão litteraria de consagrarse á estatística. Na personificação d'esse pensamento viam-se alguns dos nossos primeiros caracteres politicos e litterarios; mas o mau fado que preside a todas as nossas emprezas litterarias, fez morrer de inanição a essa instituição que tantos serviços podia prestar ao governo, e ao Instituto Historico.

E o que tem feito os governos a este respeito?

Nada.

O que temos sobre estatística são os treze volumes do Snr. E. Laemmert, mas estes volumes são auxiliares de estatística e não a estatística.

Que se console o Snr. Laemmert, no meio das dificuldades do seu trabalho, com a grata satisfação de que elle faz mais isolado, do que o governo com os immensos auxiliares de que podia dispôr.

## PARTE NOTICIOSA.

### COMPANHIA DE ILLUMINAÇÃO A GAZ.

No dia 5.º do corrente reuniram-se os seus accionistas sob a presidencia do Snr. barão de Mauá..

Do conciso e animador relatorio, que foi publicado nas folhas diarias extrahimos o seguinte trecho sobre cujas cifras pedimos a attenção dos leitores.

« Em 30 de junho funcionavam 1837 lampeões da illuminação publica: em 31 de dezembro achavam-se collocados 2205. Na mesma data estavam illuminadas a gaz 2026 casas particulares e edifícios publicos, mostrando um aumento de 545 casas no ultimo semestre.

Continúa a demanda para a collocação de apparelhos, e estando hoje a companhia habilitada com um forte pessoal a executar com mais presteza as encommendas, cessarão as demoras na collocação dos apparelhos, que bastante desanimavam os consumidores que anhelavam ver de prompto introduzidas em suas casas a bellissima luz do gaz: hoje pôde a companhia satisfazer em poucos dias as exigencias que lhes são feitas.

Do balanço geral que se acha sobre a mesa, vereis que em 31 de dezembro existiam

Em apparelhos . . . . .	311.983 \$ 060
Carvão . . . . .	140.761 \$ 860
Dividas, . . . . .	159.496 \$ 840
	<hr/>
Rs.	612.241 \$ 760

Os lucros liquidos no semestre elevaram-se a rs. 95.895 \$ 470, o que permitiu o dividendo de 13 \$ 500 por acção, ou na razão de 9 \$ 945 por cento ao anno sobre o fundo effectivo em relação ás épocas das respectivas entradas; pois, como sabéis, do capital da companhia rs. 600.000 \$ 000 foram recolhidos em 30 de agosto em conformidade da vossa votação de 3 de mesmo mez. »

### BRAZIL PITTORESCO E MONUMENTAL.

Até ao fim do presente mez se publicará uma obra, de que já tanto se carecia no estado de nossa civilisação. O *Brasil Pittoresco e Monumental* vem preencher uma grande lacuna, vem mostrar a estranhos e naturaes, que não ha a admirar sómente entre nós, o luxo e a magestade de uma natureza tropical, mas tambem estudar alguns monumentos que representam uma época historica e phases artisticas.

O Snr. Eduardo Rensburg é o proprietario e editor d'esta obra; e o Snr. F. M. Raposo d'Almeida o seu principal redactor. O estado de progresso, a que está elevado o estabelecimento da LITOGRAPHIA IMPERIAL, a pontualidade, esmero, e louvavel desempenho, com que o seu proprietario corresponde ás encommendas, que se lhe faz, são uma garantia para o acolhimento da empreza que annunciamos. A posição que n'esta folha occupa o Snr. Raposo d'Almeida nos veda dizer cousa alguma sobre o desempenho da parte descriptiva e explicativa do *Brazil Pittoresco e Monumental*.

Eis aqui as proprias palavras do prospecto.

« Todos os paizes, onde as bellas artes se acham mais ou menos desenvolvidas, possuem preciosas colleções de estampas, onde se representam não só os seus principaes monumentos, como tambem os pontos de vista pittorescos de seus arrebaldes e as scenas de costumes dos diversos grupos de povo que formam as suas nacionalidades.

Entre nós, muito pouco, ou quasi nada temos n'este sentido. Algumas lithographias de grandes dimensões e elevado preço, soltas e avulsas, ou pequenos trabalhos d'este genero publicados em jornaes transitorios, é tudo quanto possuimos para nós, e sobretudo para os estrangeiros que desejam conhecer os nossos edifícios mais notaveis e os painéis arrebatadores, que por toda a parte offerece a poetica e magestosa natureza do solo americano.

E' preencher esta lacuna o fim que tem em vista

a publicação do BRAZIL PITTORESTO E MONUMENTAL.

A utilidade d'esta empreza não se limita sómente a offerecer aos curiosos uma bella collecção de quadros que não só pôdem servir para adornar as paredes de uma galleria, como tambem para enriquecer as estantes de uma bibliotheca, mas tem ainda o merecimento de facultar aos donos de chacaras e aos proprietarios de edificios, que pela sua posição ou utilidade mereçam ser estampados na pedra lithographica, o prazer de as verem por este modo duplamente dignas de attrahirem a attenção publica.

A publicação será feita por meio de quadernos mensaes, contendo quatro estampas cada um, acompanhadas de uma folha impressa com uma notícia succinta das vistas que se publicarem de cada vez.

A subscipção é de 2.000 rs. por mez, paga em semestres adiantados.

Recebem-se as assignaturas em casa do editor, Eduardo Rensburg, na lithographia imperial, rua d'Ajuda n.º 68. »

## REVISTA SEMANAL.

### CORRESPONDENCIA FAMILIAR.

#### CARTA IV,

##### (Ao voar da penna.)

**MEU CARO AMIGO.**—O carnaval deixou-nos a todos n'uma especie de atordoamento. Assim devia de ser: depois da accão a reacção, depois do movimento vertiginoso o repouso recuperador. A nossa aristocracia saborêa as recordações felizes d'essas bellas noites de aventuras em jogo de palavras, os funcionários voltaram ao cepo do trabalho, os negociantes, especialmente os *commendadores*, voltaram ás operações, rasmungando o tempo e o dinheiro que perderam, e que as bellas filhas lhe fizeram perder n'essas veleidades carnavalescas, os filhos do trabalho, como eu, lamentam a brecha que esses quatro loucos dias vieram abrir na regularidade da tarefa, os pobres, que vão uma só vez á loja, buscam resarcir o deficit das mascaradas. Até a posta, por onde lhe remetto esta, se resentiu do atordoamento, porque só agora é que se está publicando a minha anterior. Não foi só á imprensa pequena que chegou esta mazella: o jornalismo

colossal, o jornal-lençol, tambem deu a sua gazeta, sem ao menos prevenir os amaveis leitores: enfim em tempos taes, desculpa para tudo, e por tudo.

**Theatre lyrico.**—As altas partes cantantes acham-se harmonisadas: entabolararam-se negociações de bastidor, e assignou-se protocolo, em que o *Ernani* ficará com duas Donas Soes, e o D. Silva sem nenhuma. O templo das bagatellas não é uma ficção, meu amigo, a sua realidade está no theatro lyrico. Tanto artigo bonito, tanto affan, e tanto barulho apimentado, e por fim de contas o *Ernani* é para ser cantado por quem puder, ou quizer, embora isso transtorne os caprichos de quem pôde ser caprichoso ou caprichosa.

E tambem mal a Snra. La Grua permitiu que a nova prima dona cantasse a opera em questão, o theatro foi logo concedido pela *generosa* directoria á empreza do Snr. João Caetano, não com quatro recitas por mez, como elle pedia, mas com oito, como elle não deixa de aceitar, e o publico de apreciar.

**Theatros dramaticos.**—Se me consultassem sobre o drama, com que a *desapontada* companhia de São Pedro deveria estrear, depois do cataclysma porque passou, eu seria de voto que fosse com o drama—Ha 16 annos ou os *Incendiarios*.—E' de certo havia fazer furor ver o *malandro* ou *malandros* atirarem para o palheiro as suas *mila-grosas pilulas!*... Mas em vez dos *Incendiarios* teremos a *Dama de São Tropez*, em que o Snr. João Caetano ostenta os poderosos recursos do seu genio artistico. E' ocioso dizer-vos que serei indefectivel para apreciar esse bello drama e a sua execução, se é que os *nhonhós* dos camarotes não desconcertarem com os seus berros as melhores situações dramáticas, e as mais apreciaveis notas lyricas, como agora está em uso corrente e vulgar, com o *placet* da polícia.

O Gymnasio dramatico, vulgo *theatro de variedades francesas*, deu-nos ultimamente dois dramas novos, a *Irmã do Cégo*, e a *Dama das Camelias*. Só agora é que vos poderei dizer a impressão que elles me causaram. A *Irmã do Cégo*, é uma das cousas mais desconxavadas, e mais despropositadas que tenho visto. Não me foi facil atinar com o pensamento do drama, nem pude apreciar a ligação do enredo: é um drama de muitos episodios, e em todos elles se nota um fundo e forma de immoralidade.

Um respeitado negociante, abusa da hospitalidade, da amizade céga de um cégo, infama-lhe a irmã,

sendo casado, e por conveniencia. Agora o desenlance. Chega a noticia da morte da mulher casada, e o seu marido exulta de alegria, agradece aos céos aquella morte, e caza com a seduzida. Um honesto operario é burlado, e uma moça interesseira e coqueta é dada em premio ao pobre cégo. Eis aqui em summa o que é o drama: — quem o escolheu pôde tirar *brevet de invention*.

A execução esteve mediocre, a fóra o Snr. Ameedo que desempenhou o seu papel o melhor que podia.

O mesmo não direi da impressão que me causou a *Dama das Camelias*.

E' um drama muito espirituoso, talentosamente escrito, e bem desempenhado pela Sra. Gabriella.

**Estréas Lyricas.**—Debutaram finalmente o *primeiro soprano dramatico absoluto de primo cartello*, e o baixo tambem *absoluto*. A prima-dona foi infeliz na estréa. A sua voz pareceu-nos na verdade embaciada; mas as desagradaveis impressões e reserva com que foi recebida concorreram para a infelicidade da estréa. O partido lagruista cantou logo a palinodia, e o Sr. Susini, não só pelo seu inercentimento real, mas muito especialmente por um acinte á *concurrente* foi explosivamente victoriado, a ponto de elle mesmo se admirar, e desconfiar da esmola. Parece-me que o tempo mostrará que o Sr. Susini é um excellente baixo, mas fatiga-se facilmente. A Sra. Stefenoni pareceu-nos na figura com a Sra. Casaloni, mas as impressões do harmonioso e extenso contralto só ella as sabe produzir. A infeliz aquisição da Sra. Stefenoni não decidirá ainda á capixosa, e trapaceira directoria recontratar uma artista de tanto mérito?

Perdulária como tem sido quer agora a trindade directora fazer salvatorio á custa do publico?

Não lhe basta as flagrantes e escandalosas transgressões do contracto quer reduzir o publico a pessimos cantores, rediculo e estragado scenario, e tudo isto para fazer jus aos 120:000\$000.

E o governo tolerará isto?

Tolera sim: porque o governo está na phase do *dolce fare niente*, ou do *Deus nobis haec ocia fecit*.

Até breve.

O AMIGO DA CORTE AO DA PROVINCIA.

## VARIÉDADES.

### O THEATRO E A POLICIA.

Dois coisas bem diferentes em outro tempo, mas tão bem casadas hoje, que dizer uma ou outra, é tonto o mesmo. Se pois o theatro se acha tão inti-

mamente ligado á polícia por laços, não sagrados, mas indissoluvels (e ai de nós se os cortassem!); se a polícia tanto a peito ha tomado cortar os abusos, enfrear os turbulentos; se o povo, conhecedor da razão, hoje abandona o selvagem uso de reprovar com insultos e projectis: — qual o motivo porque, devendo-se procurar toda a commodidade dos espectadores, a polícia até hoje ainda não tomou suas medidas a respeito dos ainda não desmamados que com seus gritos pela avidez de maminha perturbam os spectaculos, incomodam o espectador, atrapalam o actor e encolerisam a *terna mäesinha*?

O theatro não é praça de touros; ergo: a assuada não deve ser permittida.

O actor não é ludibrio, do espectador; ergo: o espectador não pôde zombar do actor.

O theatre não é brinquedo de crianças, muito menos asylo de desmamal-as; ergo: as crianças menores de oito annos não devem ter ingresso no theatre.

Os gritos dos infantes casavam-se perfeitamente em outro tempo, com a declamação dos nossos actores; hoje, graças ao Snr. Emilio Doux, já os actores fallam, conversam, decloram, mas não gritam; ergo: a polícia deve affastar do theatre esses *pequenos* modelos de *grande* gritaria, para que os nossos actores se não lembrem do passado; tendo-o à vista no presente.

A polícia tem tirado ao povo o direito que lhe assiste d'aprovar ou reprovar, por meios justos, que a decencia não reprova, o desempenho d'un actor; e o povo, soberano no salão d'un theatre, soberania que deve ser respeitada quando exercida de modo que não toque o vexame, tem gritado contra quem lhe ha extorquido esse direito sagrado; mas o povo, que não tem querido supportar a voz d'uma cantora (embora seja lòba) por ser melhor que a da sua predilecta; o povo, que não tem perdoado ao artista faltas que ás vezes são filhas d'outrem; o povo, que tão exigente ha sido, ás vezes d'impossíveis, ainda não gritou contra a orchestra infernal dos *icos* acentuados nos corredores dos theatros com biliscões dados por uma ama desesperada por descançar as pernas, ou por uma *extremosa* inã que não quer perder uma nota de musica!

O Snr. chefe de polícia pôde providenciar a respeito: quem tanto faz pelos peccadores, pôde alguma cousa fazer pelos innocentes.

Consignar no regulamento uma cousa que devia estar entendida, isto é, prohibir a entrada de crianças menores de oito annos é uma medida justa, que se reclama do Snr. chefe de polícia: aliás não mande

agarrar os que forem perturbados na platéa, se voltarem para o camarote convertido em roda de engitados, e depois de um *psio* lhe deram uma salva triplice de tacões de botas.

A ultima noite de spectaculo em São Januario esteve insupportavel n'este sentido; e como se isto não bastasse, dois cães ladravam na platéa, muito impunemente.

Os theatros precisam de policia da policia.

### • Desperdicio da vida.

Anergo era um fidalgo de boa fortuna, educado na ociosidade. Não lhe cabia deparar com meios de consumir agradavelmente seus dias; não tinha nem propensão para algum dos exercícios ordinarios da vida, nem gosto por algum trabalho do espirito: passava commumente das vinte e quatro horas do dia, dez no seu leito: deixava-se ficar duas horas, ou trez horas ainda adormecido sobre um cama-pé, a tarde empregava algumas outras mais em beber, quando se achava em companhia de sua estofa, e as seis, que lhe restavam eram perdidas na maior indolencia. Seu emprego principal consistia em combinar a comida, e nutritir a imaginação com esperança de um jantar, ou de uma cêa; não que fosse um verdadeiro glotão, nem tambem homem dado exclusivamente ao prazer da meza; mas não lhe cabendo saber em que podia usar melhor dos seus pensamentos, os deixava vagar sobre estes cuidados materiaes. D'esta sorte, tinha o nosso fidalgo achado meio de gastar dez annos, contados da época, em que ficára senhor do seu patrimonio, e o que mais é, pelo abuso que se hoje faz das palavras, chamariam-o homem virtuoso; porque era tido por embriagar-se poucas vezes, e não demasiadamente inclinado á devassidão. Uma tarde, que se entregava a seus delirios, seus pensamentos tomaram uma direcção desacostumada: suas vistas se volveram sobre o passado e começou á reflectir sobre o seu genero de vida. Considerou que um grande numero de entes vivos tinha sido sacrificado á sua alimentação, e que uma enorme quantidade de trigo e de vinho tinha sido accrescentada a estes sacrificios.

Como ainda a memoria lhe conservava a lembrança de algumas regras de arithmetica, que em sua infancia lhe haviam ensinado, comprehendeu fazer um calculo do que sommava tudo quanto havia devorado até a idade de homem em que estava. « Pouco mais, ou menos uma duzia de creaturas emplumadas, pequenas, e grandes tem dado em cada somma, con-

tando uma por outra, as vidas, para prolongar a minha, o que em dez annos monta pelo menos a seis mil: cincoenta carneiros tem sido sacrificados por anno, com uma *meia ccatombe de gado*, cujas postas mais delicadas tem sido em holocausto offerecidas sobre minha meza. Assim, um milheiro de animaes foram immolados dos rebanhos, no espaço de dez annos, para me nutrir, não mettendo em conta os que as florestas me tem fornecido. Muitas centenas de peixe de toda a especie, e milheiros d'estes miudos tem sido privados da vida para as minhas comidas; uma medida de trigo difficilmente me forneceria para provisão de um mez farinha bem fina, o que faz 120 alqueires: muitos toneis de cerveja, vinho, e outros licores tem absorvido o meu corpo, miseravel passagem de tantos alimentos, e bebedas. » E que tenho eu feito durante todo este tempo, em serviço de Deos ou dos homens? Que profusão de bem para um ser indigno, e uma vida inutil! Não ha um só, ainda a mais vil de todas as criaturas, que hei devorado, que não tenha, melhor do que eu, correspondido ao sim de sua criação. Eram destinadas a alimentar o homem, isto fizeram. Cada marisco, cada ostra que comi, cada grão de trigo, que triturei, tem enchido seu lugar na escalla dos entes com mais propriedade e honra do que eu! O' perda ignominiosa de vida e tempo!

Anergo prosseguiu em suas reflexões moraes com tanta justeza e severidade que se deu ao trabalho de mudar todo o seu genero de vida, de acabar por uma vez com suas extravagancias, e adquirir alguns conhecimentos uteis, posto que já tivesse chegado á casa dos trinta annos.

Viveu longo tempo ainda, como homem de honra, e christão excellente; de inutil que era, tornou-se util ao proximo, e no senado desempenhou o brilhante papel de patriota. Morreu com sua consciencia tranquilla, e o seu tumulo foi regado das lagrimas de seus concidadãos. Todos quantos sabiam a historia de sua vida ficaram abysmados de uma mudança tão completa, e olharam a sua reforma como milagrosa: elle mesmo o reconheceu, e adorou a mão do Omnipotente, agradecendo-lhe tê-lo transformado em homem, de bruto que era.

Porém um exemplo tal é extraordinario: poder-se-hia aventurar a chamal-o um milagre. Quantos jovens de ambos os sexos n'este seculo corrompido não ha, cuja vida some-se em uma perda total, sem que uma ultima reflexão sobre si mesmos os decida a fazerem-se uteis? Quando eu encontro semelhante gente, despertam-se-me na memoria alguns versinhos de Horacio.

*Nos numeri sumus, et fruges consumere nati....  
Alcionoique..... juventus.*

*Cui pulchrum surto in medios dormire dies, &c.*

BENJAMIN FRANKLIN.

### A modista.

E' opinião do proprio bello sexo que o inimigo mais temível da casada, da noiva, e até da mulher do mundo, é a modista. E apezar d'isto, quantas não teem tido a ventura de se apresentarem ante a ara nupcial sem mais encantos que os que lhes preparou a agulha da modista! Quantas ahi não *ficiariam para tias*, se a modista não houvera feito desaparecer a distancia que ha entre o celibato e o matrimonio!

Artista incansavel, fiel imitadora do bello, não ha dificuldades que não aplane, obstaculos que não vença, defeitos que não encubra, e fealdades que não torne em formosuras. A menina de cintura mais grosseira, de formas mais imperfeitas, sujeita á inteligente tesoura da modista, torna-se esbelta, airosa e engracada, e adquire attractivos que seduzem e encantam. A modista é o *Morok* dos defeitos da mulher. Não ha nada que possa comparar-se á custureira que toma conta de um corpo desairoso cuja natureza rude e selvagem carece de um domador! Oh! Então de cada tesourada brota uma graça, de cada ponto um attractivo, e pondo e cortando, inventa, desfigura, supprime, encobre, aperta, iguala, alarga, harmonisa e tira do cahos da imperfeição um corpo novo, esbelto e elegante.

E apesar d'isto a mulher, que é obra sua, é o seu mais encarniçado inimigo! Será porque a modista é senhora dos seus defeitos? Não, não é; é porque a modista é a mulher modelo; é porque o seu donaire aristocratico reune uma illustrada franqueza amorosa; é porque armando o corpo da marquezia, tomou d'ella o ar de senhora; é porque vestindo a comica aprendeu o olhar terno e significativo menejar da cabeça; é porque provando a saia á bailarina estudou o modo de requebrar a cintura e descobrir a botica de polimento, é porque senhora de todos os attractivos que vende ás suas inimigas reservou para seu uso particular o de querer e não querer, o de oferecer e não dar. Por isso sempre que o homem a procura ella se oculta.

N'um baile vereis a modista com um vestido pobre e singelo, porém nenhum será mais airoso, nenhum mais á moda nem mais bem posto. Por isso tambem os noivos lhe apparecem aos centos, e os amantes aos milhares.

Tendes razão, mulheres; a modista rouba-vos o amor dos vossos amantes; porém é mister confessal-o, é ella quem os prende a vossos pés. A sua agulha será fatal para vós, quando cose os seus vestidos: porém, quando se dedica aos vossos, é o iman que attrahe os vossos adoradores!

No vestir está metade da formosura.

### Epitaphio de um Romano.

Alguns trabalhadores, fazendo uma excavação em Constança, na Alegría, encontraram um tumulo antigo, que mostrava ser de um cidadão romano. Não oferecia particularidade alguma notável na construção, porém a inscrição que está escripta em hexâmetros e pentametros, parece tão curiosa que vale a pena dar uma traducção. E' esta: « Eu Proclilio, cujos restos aqui repousam, digo a verdade n'estes versos. Passei uma vida sem incommodo, exercendo minha profissão de ourives de prata em uma casa em Certe. Fui sempre da maior probidade e da maior franqueza para qualquer homem. Não tenho nada de que me queixar, porque sempre fui alegre e sempre feliz até a morte de minha casta Valeria. Celebrei com honra e em prosperidade cem anniversarios de meu nascimento, e por sim chegou o meu dia final em que o meu corpo enfraquecido o tornou feliz. As linhas que estas lendo agora eu compus quando era vivo, concedendo-me fazel-o a deusa Fortuna, que nunca me abandonou: segui a vereda que eu segui. »

### Herança de quatro séculos.

No cerco de Bouvignes, em 1455, o duque de Brabante fez prisioneiro um fidalgo chamado Legrain, porém em vez de tirar-lhe a vida, como podia fazer, o duque consentiu em poupar-a sob condição de receber todos os seus bens. Legrain cedeu tudo o que possuia, porém estipulou que no fim de quatro séculos voltaria á sua familia. O duque não fez objecção. Os quatro séculos espiram no mez de julho, e já muitas pessoas, apresentando-se como descendentes de Legrain, preparam-se para tomar conta dos bens.

### Estrada de ferro submarinha.

Já ha muito que se pretende unir a França com a Inglaterra por uma estrada de ferro submarinha. O ultimo projecto é do Dr. Poujorne, o qual com quarenta barcos subaqueos, dos quaes é elle o inventor, 1,500 marinheiros, 434 jardas cúbicas de material, e despesa de 10,000:000 libras, comprehendeu construir um *tunel*, por cujo meio o estreito, que separa os dous paizes, pôde ser atravessado em 32 minutos.

A posição d'esse *tunel* seria sem duvida quasi paralela á do telegrapho electrico e contigua á elle, por ser a parte mais estreita do canal, e aquella em que a profundidade d'agua é menor.